# timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XI PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 113 JUNHO 1995


# À PROCURA DA «FÓRMULA»

*Portugal e a Indonésia vão-se encontrar de novo, sob os auspícios do SG da ONU. Agora com as "questões políticas de fundo" em cima da mesa*

Nas vésperas do seu encontro com Durão Barroso em Genebra no próximo dia 8 de Julho, para a 6ª ronda das conversações que decorrem entre Portugal e a Indonésia, e quinze dias depois do encontro intra-timorense que teve lugar na Áustria, o Ministro dos Negócios Estrangeiros Ali Alatas deslocou-se a Timor Leste numa visita de três dias, na sua qualidade de funcionário do *Golkar*, o partido no poder.

## LONGE VÃO OS TEMPOS

Quem se lembra ainda das convencidas afirmações do antecessor de Ali Alatas na pasta dos Negócios Estrangeiros, o Sr. Mochtar Kusumaatmadja, declarando a questão de Timor Leste como "*um assunto interno da Indonésia*" e há muito "*encerrado*" e que o tempo levaria Portugal a deixar cair o artigo da sua Constituição?

E quem se lembra da euforia com que foi recebido em Jacarta o programa de governo do PSD quando obteve em 1987 a maioria absoluta?

Escrevia então o oficioso *Jakarta Post* em editorial:

"*(...) A segunda notícia diz respeito à alegada adopção pelo novo governo social-democrata de Lisboa de uma atitude mais realista sobre Timor Leste (...) e fala agora apenas da necessidade de uma 'solução condigna' para o problema.*

*Se as preocupações portuguesas compreendem a necessidade de respeitar a identidade cultural e religiosa do povo timorense, a filosofia indonésia do Pancasila será a garantia (...). Quanto à preservação da cultura portuguesa em Timor Leste (...) muitas ruas na província continuam a ter nomes portugueses e muitos monumentos portugueses permanecem inalterados. (...).*

*Devemos transmitir a Lisboa que estamos preparados para uma 'solução condigna' baseada nas tremendas realizações do desenvolvimento em Timor Leste (...) e com o sólido apoio de uma maioria de países membros das Nações Unidas.*" (*Jakarta Post*, 4/9/87).

Longe vão esses tempos.

Uma Resistência timorense, com um agudo sentido da oportunidade e uma sábia gestão dos seus parcos recursos políticos, uma diplomacia portuguesa, agora com uma estratégia clarificada e um maior empenhamento de vontades e de meios, levaram os governantes indonésios, a braços com as suas próprias inépcias e contradições, a rever muito do seu discurso. Suavemente.

## A SUAVE VIRAGEM

Deste ponto de vista, a viagem do ministro Alatas a Timor forneceu algumas pistas interessantes.

A primeira é a do reconhecimento explícito do carácter internacional do conflito e logo da sua solução (o que implica fazer cedências, aceitar compromissos).

A segunda é a de que a chave do problema está em Timor Leste - e logo nos timorenses - e, muito particularmente, na sua juventude.

Para o ministro o problema só poderá ser resolvido através de negociações multilaterais envolvendo a ONU. Uma solução unilateral - a presente, esqueceu-se de acrescentar - ou apenas entre os governos da Indonésia e de Portugal não seria aconselhável. "*Uma tal solução poderia mesmo criar o caos e nunca conduziria ao tipo de acordo pelo qual à tanto procuramos*", disse Alatas durante uma reunião do *Golkar* na capital timorense (*Reuter*, 14/6/95).

Na conferência de imprensa que deu antes de abandonar o território, o ministro confessou-se impressionado "*pelas várias expressões por parte da população timorense, que quer o*

neste número:


ALATAS: À PROCURA DA «FÓRMULA»

TEATRO: PREVISÃO

ÁUSTRIA: UM PASSO DECISIVO

*acordo do problema relativo ao seu território acelerado pelas Nações Unidas.*" "*A coisa mais importante para mim é a de que devemos criar condições de paz e segurança nesta área, que podem ajudar ao processo de acordo sobre o problema de Timor Leste, o qual já tem 20 anos.*" (*Reuter*, 15/6/95).

Alatas reconheceu que, embora o governo precisasse de conquistar os corações e as mentes dos timorenses, ele não conhecia nenhuma fórmula para acabar com a crise em Timor. "*Andamos ainda à procura dessa fórmula*", disse aos jornalistas.

Mas aconselhou a que "*a estratégia dos programas de desenvolvimento deverá estar sintonizada com as aspirações da população local*" pois isso ajudará a encontrar uma solução.

E que, para terem sucesso, esses programas precisavam de ter o apoio da juventude timorense e que isso era essencial para apoiar os esforços diplomáticos da Indonésia na arena internacional. "*Espero que os jovens de Timor Leste me ajudem a tratar do problema.*" (Jakarta Post, 15/6/95).

Terá sido, provavelmente, a pensar nesta juventude que Alatas manifestou a esperança de que todas as partes evitassem a ocorrência de acontecimentos que causassem pertubações (*Suara Timor Timur*, 16/6/95).

O ministro disse que a Indonésia se oponha terminantemente à realização de um referendo para resolver o problema de Timor Leste. Na opinião dele isso "*significaria que não apreciávamos tudo o que os timorenses fizeram para se integrar na Indonésia.*" (*UPI*, 15/6/95).

## ESPERANÇAS NO OUTUBRO PORTUGUÊS

As autoridades indonésias acompanham de mais perto a movimentação política em Portugal que, se calhar, os governantes portugueses conhecem ou acompanham a situação política na Indonésia.

As reacções do diário de língua inglesa *Jakarta Post* referidas anteriormente são um bom exemplo disso, como o são as expectativas com que o antigo MNE Mochtar seguia as revisões constitucionais portuguesas.

As mesmas expectativas parece alimentar Ali Alatas relativamente ao processo eleitoral que se avizinha em Portugal.

"*Se Portugal continua a recusar um acordo na matéria, não podemos nós aplaudir apenas com uma mão*" disse o ministro perante a comissão parlamentar dos negócios estrangeiros.

Segundo ele, o problema do lado português parecia resultar de existirem desavenças internas sobre qual seria a melhor solução para a questão.

"*A posição deles continua a ser a de ir à deriva*", disse, chamando a atenção para o facto de que, das eleições de Outubro em Portugal, poderia resultar uma nova posição por parte de Lisboa (*Jakarta Post*, 22/6/95).

# PREVISÃO

Gregório Henrique, uma figura bem conhecida da comunidade timorense radicada em Portugal, tem dado um valioso contributo para o enriquecimento da cultura de Timor Leste na diáspora. É dele esta pequena peça de teatro, escrita a propósito da visita do Bispo Belo ao nosso país.

"José: O que é que está procurando, avô?

Gregório: O nosso pastor deixou o seu rebanho em Timor Leste e veio à procura dos que estão espalhados por este mundo fora; por isso ando eu à sua procura.

José: Mas, qual é o significado de pastor?

Gregório: 'Vocês' cresceram cá e não sabem. Pastor significa o (nosso) chefe da igreja católica.

José: Eh! desde pequenino os ventos e as ondas atiraram-me para aqui, por isso não conheço o nosso *Na'i* (Senhor).

Gregório: Não faz mal, o nosso destino foi assim traçado!

José: Também eu soube que ele cá se encontra mas ainda não o encontrei. Sendo ele o representante da nossa igreja, gostaria de o conhecer. Posso ir consigo procurá-lo?

Gregório: Vamos. Ele veio de tão longe à nossa procura, por isso devemos ir ao seu encontro.

José: *Katuas, katuas* (velho, velho), ali está uma cara nova. Será ele? Será ele?

Gregório: É ele! É ele! Mas não deves apontar com o dedo porque é Ministro de Deus na terra e Representante de S.Pedro na igreja de Timor. Vamos, eu vou mostrar-te a ele e juntos pediremos a sua benção para a nossa Comunidade na diáspora.

José: *Na'i* (Senhor), alegram-se os nossos sentimentos, rejubilam os nossos corações ao recebermos V. Exª Rev.mª entre nós. Antes de regressar (para Timor Leste) lançai a sua benção sobre todos nós.

Gregório: Já encontrámos o nosso *Na'i* (Senhor), já fomos abençoados por ele, despeçamo-nos. Até um dia.

José: Avô, não se vá embora; conversemos mais um bocado.

Gregório: Então, deixe-me primeiro mascar porque tenho a boca seca.

José: Mas, o que é isto de mascar?

Gregório: É nosso uso e costume ou seja, uma tradição nossa. O sabor desta masca é diferente. Ela tem, certamente, um significado especial.

José: Que significado? Estou ansioso por saber. Diga para que todos ouçam e o nosso pastor também.

Gregório: Amo (Senhor), Irmãos, o presságio sobre o nosso destino é bom. Pode o mar ser forte e impetuoso, pode a terra estremecer, mas estamos com V. Exª Rev.mª no pensamento e no coração, e todos juntos, conquistaremos o céu."

# UM PEQUENO MAS DECISIVO PASSO

*Inês Almeida, a única mulher timorense que participou no encontro da Áustria, faz aqui um primeiro balanço do mesmo*

"Quando, logo após a 5ª ronda de conversações entre os MNE de Portugal e da Indonésia sob os auspícios das Nações Unidas, o gabinete do Secretário-Geral anunciou o encontro intra-timorense a reacção foi de muito cepticismo, pessimismo e condenação.

Não apenas porque o título era pretensioso, como também devido ao facto de não existir uma linha condutora clara, com excepção do parágrafo que referia explicitamente que o *status* político do território não seria discutido. (...)."

## O MOTOR DO ENCONTRO

"Acima de tudo, o encontro deveria responder a uma única autoridade: o povo de Timor Leste. A grande maioria dos presentes parecia sentir que cada um deles, e nós como um todo, carregava a responsabilidade nacional de fazer com que o resultado do encontro fosse algo de que o nosso povo se orgulhasse. Consequentemente, ninguém queria aparecer como responsável pelo seu fracasso. Talvez fosse este facto o motor do próprio encontro.

Apesar das dificuldades devidas ao sofrimento, tempo e história, todos os participantes pareciam encarar-se como uma 'equipa', a equipa de Timor Leste, jogando o mesmo jogo mas em áreas diferentes. As declarações feitas por alguns dos que vieram de Timor Leste e o conteúdo do comunicado final são um testemunho deste sentimento.

A natureza do comunicado e a declaração do Bispo que lhe ficou anexa mostram o compromisso encontrado depois de três dias de intensivas consultas.

Para concluir, podemos dizer que, com o encontro se conseguiu o seguinte:

(I) A intensificação do papel de Portugal como potência administrante de Timor Leste, porque todos os timorenses participantes concordaram que as Nações Unidas deveriam continuar a usar os bons ofícios do Secretário-Geral para encontrar uma solução justa e internacionalmente aceitável para Timor Leste.

Os pontos incluídos no documento escrito pelo Bispo e as 'questões discutidas' podem ser uma ferramenta muito útil a Portugal, com o argumento de que "Portugal é um mero representante dos pontos de vista dos participantes timorenses no diálogo intra-timorense" o qual incluia 'autoridades escolhidas pela Indonésia' para Timor Leste.

(II) O papel do Secretário-Geral foi, também, reforçado visto que o encontro teve lugar com a concordância formal da Indonésia e que o comunicado final reiterou a necessidade de implementar o espírito e a letra da Resolução 37/30 de Novembro de 1982 da Assembleia Geral da ONU.

Nela se encarregava o Secretário-Geral de reunir com todas as partes interessadas a fim de se encontrar uma solução para o problema.

(III) A declaração feita pelo Secretário-Geral de que a melhoria da situação (dos direitos humanos) em Timor Leste é uma condição *sine qua non* para a solução do problema foi reforçada pelo documento em 16 pontos apresentado pelo Bispo de Timor Leste, D. Ximenes Belo, e que foi aprovado por consenso por todos os participantes.

(IV) As manobras da Indonésia para que os chamados 'encontros de reconciliação' se realizassem fora do âmbito das Nações Unidas, enfraquecendo assim o papel da ONU e para que a questão de Timor Leste fosse esquecida pelas Nações Unidas, saíram logradas."

## CONTINUAR, ALARGANDO

"Algumas observações críticas para futuros encontros podem ser resumidas da seguinte forma:

1. A selecção dos participantes deve ser feita de acordo com a sua capacidade para dar uma contribuição para os encontros em vez de marcarem simples presença.

Apesar de a maioria dos participantes ter demonstrado interesse, havia também quem não parecesse interessado em dar a sua contribuição.

2. Ausência de um número razoável de mulheres (55% da população timorense) no encontro (a autora era a única). Representantes das associações de juventude e de estudantes tanto de Timor Leste como da Indonésia (mesmo que fosse apenas em representação pessoal) deveriam ser convidados.

A ausência destes elementos-chave da sociedade de Timor Leste não ajudou a que se encontrasse uma visão mais global e empolou a base política do encontro.

3. Já que a Indonésia reclama a presença de pesos-pesados 'prô-Indonésia' no encontro, abre-se um leque de opções tanto aos timorenses como às Nações Unidas. Entre elas a participação de Xanana Gusmão e de outros presos políticos, sejam eles de organizações de estudantes e de juventude, sejam da Resistência armada.

Sem necessidade de referir o seu estatuto específico na Resistência, deveriam ser convidados elementos destes quadrantes políticos timorenses.

4. O número de participantes deveria ser aumentado.

5. Já que:

-os timorenses provaram estar preparados para lidar com todos os aspectos da questão,

-o papel da ONU foi respeitado por todos os timorenses participantes,

-encontros futuros desta natureza requerem maiores ganhos para os timorenses com vista a aproveitar o *momentum*,

talvez aos encontros futuros fosse mais apropriado chamar 'Consulta Intra-timorense'."

# PORTUGAL: ANTI «MADE IN INDONESIA»

Promovido pelo Movimento Anti-«Made in Indonesia» - um movimento de opinião que tem o apoio da CDPM - teve lugar em Leiria, no passado dia 20 de Maio, uma acção visando "*sensibilizar as empresas comerciais e industriais portuguesas para não realizarem negócios com a Indonésia*" e "*alertar os consumidores para não adquirirem produtos fabricados na Indonésia e manifestar a repulsa para com os estabelecimentos que os comercializam.*"

O alvo da iniciativa foi a **C.N. - Comércio Internacional, Lda**, uma empresa que importa e distribui em Portugal produtos fabricados naquele país do Sueste Asiático, nomeadamente calçado infantil e desportivo da marca *Koro*, comercializados internacionalmente pela firma italiana *De Fonseca* que tem grandes interesses na Indonésia.

Um grupo de activistas, entre os quais 5 timorenses - um deles testemunhou o massacre de Santa Cruz e os outros integraram o grupo que ocupou os jardins da embaixada norte-americana em Jacarta - concentraram-se com cartazes à porta da sapataria que vende os produtos da C.N., tendo estabelecido um animado diálogo com um responsável desta firma que se insurgiu contra a acção, classificando-a de "*lirismo*" e "*uma estupidez*". Mas como disse um dos timorenses presentes, "*a venda de produtos indonésios financia o aparelho militar.*"

Por isso, sugerimos nós, antes de comprar olhe para a etiqueta de origem. Faça a diferença.

# AUSTRÁLIA: CRÍTICAS A CLINTON

Gareth Evans acusou a Administração Clinton de ser parcialmente responsável pelo problema de Timor Leste. Segundo ele, a abordagem que o presidente norte-americano tem feito da situação dos direitos humanos naquele território tem-se mostrado contra-produtiva.

Na opinião, expressa através da rádio australiana, deste responsável da política externa de Camberra, o modo brusco como Clinton teria abordado o Presidente Suharto em Novembro passado sobre a questão da autonomia para Timor Leste tinha sido um falhanço. "*Quando o Presidente Clinton levantou publicamente com o Presidente Suharto a possibilidade de alguma forma de autonomia política para Timor Leste, que estava na ordem do dia até à altura, Suharto disse* 'Bem, não vou deixar-me empurrar desta maneira, a autonomia agora sai da agenda.'"

Mais tarde Evans esclareceria que os seus comentários não pretendiam ser uma crítica pessoal a Clinton. "*Ele estava a ser pressionado pelo Congresso, pelos meios de comunicação e foi muito aplaudido por tê-lo feito e não vou criticá-lo por isso*", disse o MNE australiano, justificando-se: "*Estava a responder apenas à sugestão de porque é que a Austrália não se ouvia mais, porque não exigia isto e mais aquilo, mas o problema é que os outros países tendem a oferecer resistência a pressões deste tipo*" (UPI, 14/6/95).

# INDONÉSIA: O JOGO DO FUTURO

Porque será que uma importante instituição económica de uma das mais poderosas economias do mundo convida a dirigente de um pequeno partido, tentando ser de oposição num regime totalitário, para estar presente numa reunião que reúne altos dirigentes políticos para discutir o futuro de uma região carregada, dizem, de futuro? Aposta estratégica?

Foi o que aconteceu a Megawati Sukarnoputri, a filha do antigo Presidente da República indonésio Sukarno e dirigente do Partido Democrático Indonésio (PDI), convidada pelo *Asian-Australia Institution*, com sede em Camberra, e pela *Keidanren*, a Federação Japonesa das Organizações Económicas, para participar num forum internacional para discutir questões políticas e económicas relacionadas com a cooperação na região da Ásia-Pacífico.

Ao forum, que teve lugar no dia 21 de Junho e decorreu à porta fechada na sede da *Keidanren*, nos arredores de Tóquio, assistiram 35 personalidades da área vindas dos círculos académicos, políticos e empresariais, entre os quais o MNE australiano Gareth Evans, o Ministro da Informação de Singapura e o Vice-Primeiro Ministro da Malásia.

# RENETIL: 7º ANIVERSÁRIO

Organizado pela sua delegação em Portugal, comemorou-se em Lisboa, em 20 de Junho, o 7º aniversário da RENETIL - Resistência Nacional dos Estudantes de Timor Leste.

Foi nessa data que em 1988 um grupo de jovens, tirando partido da crescente revolta da juventude estudantil timorense - expressa nas manifestações de Julho de 87 contra a descriminação escolar de que eram vítimas - e da liberdade de movimentos que lhes dava as bolsas de estudo na Indonésia, criou em Bali a RENETIL.

As comemorações, que se estenderam por uma semana, incluíram uma exposição fotográfica, com imagens chegadas recentemente da vida da guerrilha, e uma sessão cultural que contou com a presença de três grupos.

Na sessão de encerramento foi lida uma mensagem do Secretário-Geral da organização, Fernando Araújo, presentemente a cumprir uma pena de 9 anos na cadeia de Cipinang.

Curiosamente, o aniversário da RENETIL coincide, involuntariamente, com o do Comandante Xanana Gusmão que naquela data celebrou o seu 49º aniversário.

À RENETIL e a Xanana Gusmão os nossos parabéns!

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3º E, 1050 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317